

# Brasil merece ajuda, diz NYT

“O Brasil, em vias de atingir a maturidade política e econômica, merece a ajuda e a compreensão dos Estados Unidos. Mas esta crise foi auto-induzida e os primeiros passos para remediar o mal devem ocorrer de dentro para fora.” Este comentário foi feito ontem pelo jornal *New York Times*, que, no editorial “Como reviver o milagre brasileiro” aponta as causas que levaram o País a decretar uma mo-

**P**arecia ser bom demais para ser verdade — e era. O Plano Cruzado, o tratamento de choque brasileiro para a inflação galopante, fracassou, e com ele a possibilidade de uma solução indolor para o impasse desta frágil democracia com os seus credores estrangeiros.

Com as reservas de divisas caindo rapidamente, o Brasil suspendeu os pagamentos de juros referentes à maioria das dívidas externas privadas. A esperança agora é que o presidente José Sarney consiga recuperar o equilíbrio político e convencer a classe média brasileira da necessidade de um período de austeridade para restaurar um crescimento estável. Os banqueiros e os governos estrangeiros podem facilitar esta tarefa ajudando a minimizar a sua perda de identidade.

Como outras economias em desenvolvimento, o Brasil contraiu grandes empréstimos durante os anos 70. Ao contrário de outros países, o Brasil investiu o dinheiro em projetos altamente produtivos, como barragens hidrelétricas e fábricas de aviões. Após duas décadas de um impressionante aumento da renda per capita de 5%, o país convida a comparações com as economias miraculosas do Extremo Oriente.

A realização deste potencial não

ratória unilateral. Para o *NY Times* “o Brasil poderá sobreviver à crise”. Mas o jornal observa que, “sem novas infusões de capital estrangeiro ele não poderá registrar o rápido crescimento necessário para reconciliar as crescentes expectativas de uma classe média com as necessidades de uma desnutrida classe inferior”. A íntegra do editorial do *NY Times* é a seguinte:

será fácil. O incipiente governo democrático brasileiro de alguma forma terá de reconciliar as demandas de uma maioria desesperadamente pobre, de uma bem-sucedida população urbana e de banqueiros estrangeiros. Ao assumir a presidência em 1985, Sarney fez a opção de colocar o eleitorado doméstico em primeiro lugar, rejeitando a tradicional receita dos banqueiros para casos de inflação crônica: o aperto dos cintos.

Depois, há um ano, ele ousou uma jogada extrema para conseguir ter as duas coisas. O seu Plano Cruzado simplesmente cortou três zeros simbólicos da moeda nacional, congelou os preços e eliminou muitos dos elementos do sistema de indexação que tinha servido para preparar o caminho para um inflação de 400%. A economia brasileira era suficientemente segura, argumentaram os seus assessores educados nos Estados Unidos. A única coisa necessária seria um choque para modificar as expectativas. Talvez eles estivessem com a razão. Mas para consolidar a sua frágil posição política, Sarney estragou a experiência, dando aos salários um aumento adicional. Depois da euforia inicial, a realidade começou a se instalar. Os gastos dos consumidores cresceram mais rapidamente que a produção, desviando uma parte crítica das ex-

portações brasileiras novamente para o mercado doméstico. E isto resultou numa receita insuficiente para pagar os juros referentes à sua dívida externa de US\$ 111 bilhões.

A reação de Sarney não foi muito tranquilizadora. Ele não deu atenção aos economistas que o aconselharam a conter o poder aquisitivo dos consumidores, e com os conselhos vindos principalmente do ministro da Fazenda, Dílson Funaro, intimamente identificado com o fracassado Plano Cruzado, o governo parece estar disposto a usar o confronto com os credores estrangeiros para desviar a atenção dos seus erros.

O Brasil poderá sobreviver à crise. Mas sem novas infusões de capital estrangeiro, ele não será capaz de registrar o rápido crescimento necessário para reconciliar as crescentes expectativas da classe média com as necessidades de uma desnutrida classe inferior. A democracia poderá facilmente ser estrangulada neste processo. O que é necessário é outro choque econômico.

O consumo deve ser cortado temporariamente para liberar recursos para as exportações, com praticamente o fardo inteiro caindo sobre a classe média. Os governos credores fizeram concessões significativas há apenas um mês. Os banqueiros privados estrangeiros dificilmente farão isto também sem que haja firmes indicações de reforma. Mas eles poderão ajudar pressionando quietamente a adoção de mudanças políticas eficientes — e não reagindo a uma posição chauvinista.

O Brasil, em vias de atingir a maturidade política e econômica, merece a ajuda e a compreensão dos Estados Unidos. Mas esta crise foi auto-induzida e os primeiros passos para remediar o mal devem ocorrer de dentro para fora.